

6

Os dois sentidos da mudança religiosa: A presença do sagrado e a bricolagem evangélica

“O Deus é o mesmo aqui e lá.”

Fiel justificando-se por ter mudado de Igreja.

6.1.

O ‘mal-estar’, as mudanças religiosas e a identidade evangélica

A expressão “aceitar” ou “encontrar Jesus” marca a transformação mais relevante que os fiéis experimentaram. Tal expressão marca a mudança da identidade dos fiéis quando do primeiro ingresso em denominações do segmento evangélico. Tal mudança de identidade corporifica-se, sobretudo, por uma mudança equivalente nos padrões de conduta, tais como: abandonar vícios, resolver conflitos com a família, arrumar emprego e/ou pagar dívidas e, mesmo, mudar a orientação sexual.

Tal transformação culmina com o batismo, mas não exclusivamente aquele ministrado na Igreja do Nazareno, senão o batismo em qualquer das denominações consideradas “evangélicas”. O protocolo diferenciado para o batismo e recepção de novos membros, tal como estabelecido na Igreja do Nazareno em Ricardo de Albuquerque, é um reflexo institucionalizado dessa identidade ampla. Mas não só. Pode-se relacionar a essa identidade ampla a maior intensidade do trânsito entre tais denominações, assim como, a menção a elementos de crença estranhos à teologia da Igreja estudada, como o dom da glossolalia, que muitos, mesmo dentre os fiéis mais comprometidos com a Igreja, declaram ter recebido.

Há, portanto, duas mudanças que devem ser distinguidas entre si. Uma envolve o primeiro ingresso em denominações evangélicas. A respeito dessas pode-se usar a expressão “encontrar Jesus”. Relacionam-se a ela as mudanças de identidade e conduta mais drásticas e relevantes. Tais mudanças relacionam-se a maior presença e concretude do sagrado nas vidas dos fiéis, o que justifica as suas mudanças de conduta. Segundo o Pastor, as pessoas chegam à Igreja em busca de

alívio para um “mal-estar”, oriundo de um vazio espiritual, comum na sociedade atual. Chegam buscando “refrigério”. E se não encontram, elas saem a buscá-lo em outras paragens. Nesse sentido, exemplifica o processo de re-encantamento do mundo¹ que emerge, paradoxalmente, da secularização, da crescente subjetivação das crenças e dos processos de institucionalização das grandes religiões.²

Do outro lado, há as mudanças entre as denominações evangélicas. Essas não ensejam relatos de grandes mudanças nas histórias de vida. Respondem a determinações mais prosaicas, como questões de conveniência, mudança de endereço, por exemplo, aos relacionamentos pessoais entre os membros da congregação ou, ainda, a preferências específicas quanto a diferentes práticas litúrgicas ou códigos de conduta, mais ou menos “louvor”, mais ou menos rigor, mais ou menos Bíblia, entre outros. (Almeida, 2006).

6.2.

A identidade evangélica, a bricolagem e a desregulação religiosa

A maior parte do trânsito de fiéis concentrou-se entre igrejas do segmento evangélico, ainda que a maioria tenha sido criada na Igreja Católica. A intensidade de tal trânsito dentro do segmento evangélico e alguns dos depoimentos colhidos evidenciam processos subjetivos de construção de uma identidade evangélica abrangente, pela bricolagem de elementos de crença estranhos à teologia da Igreja estudada. Tal situação exemplifica o conceito de desregulação da religião, das dificuldades crescentes que as igrejas encontram no processo contínuo de definir seus próprios contornos, preceitos, práticas e limites.

Tais processos de construção subjetiva da crença, razoavelmente independentes dos mecanismos tradicionais ou institucionalizados de transmissão, consistem no fenômeno que Hervieu-Léger denomina bricolagem. O caso estudado reforça a idéia de uma aptidão específica para a bricolagem. Orienta-se, sobretudo, para os elementos de crença do segmento evangélico e os misturam,

¹ Prandi (1998).

² Giddens (1997) e Hervieu-Léger (2008), ambos abordados no capítulo 1, acima.

segundo as preferências pessoais dos fiéis, por vezes, contrariando os preceitos da Igreja, como no caso da glossolalia.

De forma mais abrangente, pode-se relacionar tais processos de bricolagem a uma característica, não só dos evangélicos, mas do universo religioso popular brasileiro, qual seja, a uma “mentalidade mágica”.³ A opção por denominações do segmento evangélico, apesar de implicar um pertencimento em geral mais forte do que aquele católico, por exemplo, permitiria dar vazão aos aspectos e interpretações relacionados a tal mentalidade a partir de uma posição menos sujeita à discriminação. Tal hipótese, sugerida por Mendonça (2006), parece ser corroborada pelos resultados desta pesquisa. Por um lado, pela importância e frequência da intercessão do sagrado na vida dos fiéis. Por outro lado, pela centralidade do “encontro com Jesus”, enfatizado para reforçar os contornos, ainda que amplos, de uma identidade evangélica oposta, principalmente, ao catolicismo e às religiões espíritas, conjunto que inclui o Candomblé e a Umbanda, além do Kardecismo.

³ Maggie, (2001). Evocar a “tradição brasileira não é gratuito”, ouvi da Prof^ª Dr^a Renata de Castro Menezes, durante a arguição. Com advertência fez-me ver que ao fazê-lo trazia a tona um dos elementos principais do debate atual sobre a religião: o que está em jogo no campo religioso é a subjetivação relacionada à modernidade ou o retorno a um pensamento mágico que podemos nunca ter abandonado de todo? Creio que o modesto exercício que se toma corpo nessa dissertação traz elementos que apontam em ambas as direções. Não creio ter elementos disponíveis para concluir por qualquer das duas interpretações.